

SAVANA

INDEPENDÊNCIA ★ INTEGRIDADE



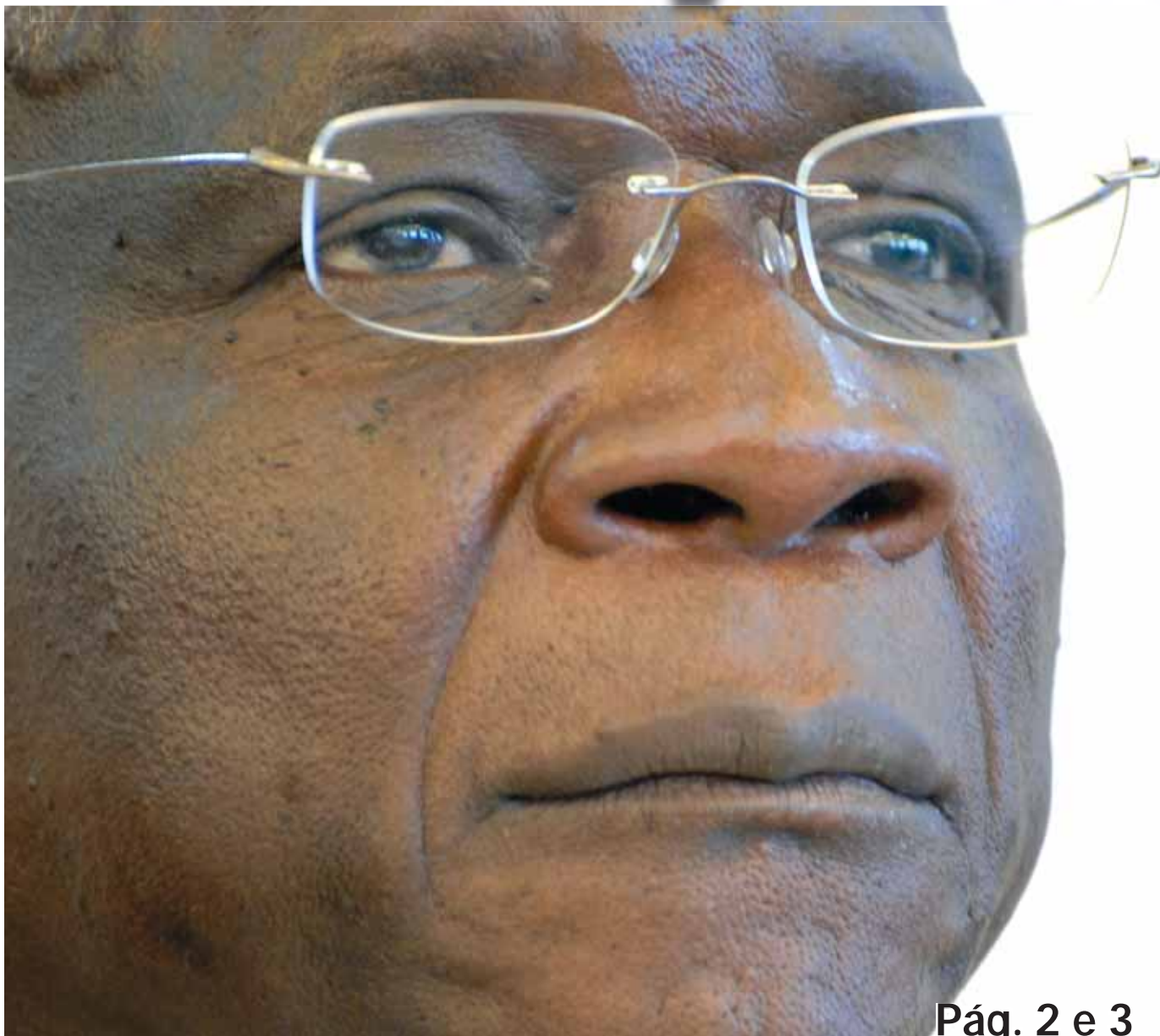
Maputo, 22 de Julho de 2016 • ANO XXIII • Nº 1176 • Preço: 40,00 Mt • Moçambique

Savana FM 100.2 Mhz • www.savana.co.mz • email:savana@mediacoop.co.mz



Dhlakama quer um acordo sério antes do fim das hostilidades militares

“Cessar-fogo? É complicado!”



Machado da Graça
1946-2016



Foi-se o crítico e versátil

Pág. 2 e 3



A SORTE

NÃO ESCOLHE O MOMENTO, APOSTE JÁ!

LOTARIA - TOTOBOLA - TOTOLOTO -JOKER

Av. Samora Machel N°11,1°Andar, telefones 823002225/6 – 826279207,823055718

Dhlakama quer um acordo sério antes do fim das hostilidades militares

Cessar-fogo? É complicado!

Por Francisco Carmona

“Cessar-fogo? É complicado! Só saio de Gorongosa depois de um acordo sério.

Estou convicto que vai sair um acordo, mas estou mais preocupado com a sua implementação, porque os outros (Roma e 5 de Setembro) falharam”. Pronunciou-se desta forma Afonso Dhlakama quando na tarde desta terça-feira falava em exclusivo ao SAVANA sobre os últimos desenvolvimentos dos contactos que a Renamo mantém com o Governo e a chegada dos mediadores/facilitadores, ou terceiras partes na retórica governamental. Num tom bastante animado, indiciador de que tem confiança de que desta vez sairá um “acordo sério e duradouro”, Afonso Dhlakama argumentou, nos seguintes termos, quando o questionámos sobre a possibilidade de decretar um cessar-fogo, juntamente com o Presidente Nyusi, para que as negociações decorram num clima mais sereno:

“Não é fácil cessar fogo. Muitos falam de cessar fogo. Cessar fogo é muito bonito falado nos escritórios (...) Isso é muito complicado, sobretudo, para o caso de Moçambique. É bom cessar fogo depois de resolvermos os problemas que estão a provocar o conflito. Como ainda não chegamos a um acordo, não nos reconciliámos, não nos entendemos, significa que meses depois voltaríamos ao conflito militar e estaríamos a decepcionar o povo de Moçambique”, fundamentou o líder da Renamo, que não é visto em público desde 09 de Outubro de 2015, dia em que as forças governamentais assaltaram e desarmaram a sua guarda pessoal na sua residência na cidade da Beira.

“Saio de Gorongosa quando as coisas estiverem bem”, despediu-se, convencido de que a chegada dos mediadores propostos pelos dois lados e o reatar do “diálogo político sério” “trará uma estabilidade e manutenção de uma paz efectiva em Moçambique”. De seguida, transcrevemos as principais passagens da entrevista telefónica de 45 minutos em que o líder da Renamo clarifica outras posições do seu partido. A governação das seis províncias, onde a Renamo reivindica vitória nas eleições de 2014, ponto principal da agenda na mesa das negociações, foi incontornável.

Os mediadores chegaram esta semana a Maputo. Está satisfeito com o curso dos acontecimentos? Ainda não começaram as negociações propriamente ditas. O que houve foi a criação das equipas da Renamo e Governo que negociaram a agenda. Depois quando falei com o Presidente Nyusi, há um mês, decidimos alargar os grupos para serem seis. A agenda foi aprovada. Estou satisfeito, porque o Governo aceitou a mediação internacional, que é o que vínhamos exigindo, nomeadamente, a



“Cessar-fogo é muito bonito falado nos escritórios”

União Europeia, a Igreja Católica e a África do Sul. Estou ainda mais satisfeito, porque parece que pressionámos e o próprio Governo acabou por propor também a mediação internacional. Duas organizações (Global Leadership Foundation e Fundação Faith) e o antigo presidente da Tanzânia, Jakaya Kikwete.

O facto de o Governo ter apenas agora indicado os “seus” mediadores, depois de durante muito tempo ter recusado a mediação internacional, não vai atrasar as negociações?

Sabe que o Governo não queria saber de mediação. Lembra que começamos a falar de mediação em Outubro do ano passado e eles não queriam saber. Mas pronto, como houve pressão, confrontos militares, houve tentativas por parte do Governo fazendo várias ofensivas aqui na Serra da Gorongosa para pressionar, para ver se o Dhlakama podia aceitar o diálogo sem que haja mediação internacional. Resistimos. Nós é que saímos a ganhar. O povo saiu a ganhar, porque a mediação é importante. Agora, quanto à sua pergunta se de facto isto não vai atrasar, fica atrasado sim, porque se calhar se o Governo tivesse aceiteado a mediação em Outubro do ano passado, talvez já teríamos chegado a um acordo há muito tempo. Mas em política não há quase nada atrasado, vamos ver o que vai acontecer, porque já chegaram os mediadores e, brevemente, irá iniciar um diálogo sério.

Tem confiança nos mediadores propostos pelo Governo?

É muito difícil falar de confiança, porque o mediador não vem decidir, não vem impor, dar ordens. Vem aproximar posições. Ajudar. O mediador não impõe posições. Pode até ter uma inclinação ideológica ou política a favor de um lado. Mas é muito difícil na mesa das negociações o mediador manifestar uma posição favorável a um lado. Respondendo directamente a

sua pergunta, acredito que, tanto os mediadores que a Renamo propôs, como os que o Governo apresentou, estão interessados com a paz em Moçambique. São europeus e africanos e ambos têm interesses em Moçambique. Querem estabilidade no país. Acredito que eles vão desempenhar um papel muito importante. A minha preocupação não é de mediadores. É o pós-acordo. Como implementar. Assinei um acordo com o Presidente Chissano em Roma. Assinei outro a 5 de Setembro de 2014 com o Presidente Guebuza. Ambos os acordos não foram implementados. Será que o acordo que vou assinar com Nyusi é que será implementado? É aí que reside a minha dúvida. Os mediadores vão ajudar no geral.

Tem falado nos últimos dias com o Presidente da República, Filipe Nyusi?

Não, não. Foi há um mês a pedido dele que conversámos dois dias consecutivos. Foi nessa conversa que se anunciou que se aceitaria a mediação internacional e as coisas começaram a andar num outro ritmo. De lá a esta parte não voltamos a falar.

Está disposto a fazer uma declaração pública unilateral de cessar-fogo? Gostaria que o presidente Nyusi tivesse um posicionamento idêntico?

Não é fácil cessar fogo. Muitos falam de cessar fogo. Cessar fogo é muito bonito falado nos escritórios. Mas é muito difícil para quem está no mato a disparar, num confronto militar. Cessar-fogo para mim, com bastante experiência de guerra em Moçambique, desde 1977, estou a lutar a favor da democracia para este povo de Moçambique, não é fácil. Cessar-fogo é bonito falar numa sala climatizada, mas é muito complicado, sobretudo, para o caso de Moçambique. É bom cessar fogo depois de resolvermos os problemas que estão a provocar o conflito. Se nós cessarmos fogo, significa que a guerra já terminou. Mas como ainda não chegamos a

um acordo, não nos reconciliámos, não nos entendemos, significa que meses depois voltaríamos ao conflito e estaríamos a decepcionar o povo de Moçambique. E é por isso, que, com base na minha experiência, não estou interessado num cessar-fogo, antes de terminarmos com o problema. Vamos negociar o cessar-fogo. Significa que negociar cessar-fogo já terminamos com os problemas que nos levam a um conflito militar. Cessar fogo é um sinal da vitória de um e do outro lado. É um sinal para o povo que a guerra terminou.

Continuam os bombardeamentos na Serra da Gorongosa?

Abrandaram há uns dez dias. Esporadicamente, lançam B11 e intimidam a população.

Este abrandar não pode ser lido como um sinal da outra parte de que está disposta a cessar com as hostilidades imediatamente?

Não é isso. É que eles levaram muita porrada. Estão cá gerais e tropas vindas de Maputo. Andam aqui secretamente. Se estivessem a ganhar terreno estariam a chamar jornalistas para filmarem tudo. A aceitação da mediação internacional foi por pressão no terreno. Garanto que se a Renamo estivesse a perder no terreno, eles não haviam de aceitar nada. Um regime da esquerda, como a Frelimo, não aceita quando estiver em vantagem em confronto militar. Quando começa a aceitar as exigências de quem está no terreno é que já viram que não há outra saída. O abrandar não tem nada a ver com as negociações. É que as coisas não estão bem no seio das forças armadas governamentais.

Governacão das províncias É razoável a Renamo manter a exigência da governação nas seis províncias, quando estamos a meio dos mandatos dos poderes instalados em 2015?

Não interessa, mesmo que faltasse um ano para chegarmos em 2019. O que nós queremos é começar a governar com base nos resultados de 2014. Assim como a Frelimo está a governar, vamos governar legitimamente porque ganhamos essas seis províncias. Não interessa se estamos atrasados. É claro que se registou um atraso, porque se tivéssemos negociado e legislado em 2015, teríamos começado juntos a governar. Mesmo com dois anos de atraso, nós pretendemos começar a governar agora as seis províncias. Não podemos esperar 2019, que é o ano das outras eleições. Seria perigoso, depois do povo ter votado na Renamo, esperar cinco anos a suportar a governação dos governadores da Frelimo com outra ideologia, quando eles votaram na Renamo. Não é exigir por exigir. É dar a um povo aquilo que eles decidiram nas urnas. Um dos pontos mais importantes nas negociações é a governação das seis províncias.

Mas como isso vai se processar?

Não há problema nenhum. É fazer um anteprojeto e fazer uma revisão pontual na Constituição para que haja transferência dos poderes dos governadores da Frelimo para os governadores indicados pela Renamo. O poder administrativo e político. A população dessas províncias tem de ver as suas vidas melhoradas. Tem de sentir porque votaram na Renamo. Eles querem ser governados por quem votaram.

Não seria viável que a exigência da Renamo de descentralização das províncias tivesse como horizonte as eleições de 2019?

Seria descabido a Renamo esperar 2019. Estaríamos a dar mais uma chance a Frelimo para preparar mais um golpe para nos deixar com cinco deputados na Assembleia da República e mostrar que a Renamo já acabou. A Frelimo havia de roubar, aliás, não é roubar é levar. Guebuza, depois das eleições de 2014, disse mesmo de boca cheia que arrancamos o poder à oposição. A Frelimo não rouba votos. Leva a vontade, através das fademos (FADM), a polícia e o Conselho Constitucional. Essas coisas todas têm de terminar. Esses poderes todos têm de acabar. Esse diálogo, que reinicia, é um diálogo que tem de pôr fim a todas as brincadeiras da Frelimo, para permitir um melhor desenvolvimento e possibilitar que o povo vote em líderes capazes de governar Moçambique e que a prova dos nove seja tirada nas urnas e não no enchimento, falsificação de editais. Não pode ser o Comité Central da Frelimo a dar ordens ao Conselho Constitucional. Quero dizer que continuaremos a fincar pé que um dos assuntos mais importantes é a governação da Renamo. Por bem ou por mal, a Renamo vai governar as seis províncias. É melhor que governe por bem, do que governar por mal, porque a Frelimo pode perder tudo.

Sente que estas negociações são a sua última cartada? É a última oportunidade de Afonso Dhlakama conseguir concessões substanciais?

Em política não há últimas cartas. Veja que eu comecei a dirigir a Renamo aos 22 anos. Hoje tenho 62. Portanto, isto não é fácil. Não é dizer que o limite são essas negociações e não pode haver problemas. Nós pensamos que estas são uma das soluções viáveis para que o conflito entre a Renamo e a Frelimo termine. O Povo está cansado de escutar armas. Não ajuda em nada. O Nyusi não tem filhos que manda para a guerra. Jovens de 20 anos são enviados para Gorongosa. Dizem que é para capturar o Dhlakama. Eles é que morrem nas matas. Centenas e centenas. E a Frelimo nem arranja caixões para eles. Nem informa os pais. Isto para mim, como pai, dói muito e é por isso que estas negociações, para além de resolver a governação da Renamo, são as negociações que devem dar garantias ao povo moçambicano para de uma vez para sempre descansar a guerra. Queremos também passear, ir à praia sem ouvirmos estrondos e nem sermos emboscados. Não nascemos para estar sempre no mato, só porque um partido quer governar através da fraude. Por isso, exigimos a mediação internacional para vir testemunhar quem quer o conflito e quem quer a paz neste país.

Nas suas contas quando é que deseja sair da Gorongosa?

Quando tudo sair bem (risos)

Que garantias exige para sair?

Tudo vai depender das negociações. Também garantias de segurança. Você não pode esquecer que escapei à morte duas vezes. É diferente de ir atacar a base de Dhlakama na Gorongosa. Mas atacar-me eu a andar, disparar para o meu carro em Chibata no dia 12 de Setembro e Zimpinga no dia 25 de Setembro, é horrível. Nunca vi isto, mesmo em países ditadores, aqueles que foram mais cruéis. Aquilo que o Nyusi fez com o regime dele é condenável. Mas não guardo rancor.

Acredita que quem o quer matar é o Presidente Nyusi ou é um grupo de radicais dentro da Frelimo que agem à revelia do comandante em chefe?

Eu penso que é ele mesmo (Presidente Nyusi). Porque se não fosse ele, iria mandar prender todos os comandantes que dirigiram a operação. Aquele grupo saiu de Maputo com a missão de ir matar Dhlakama. Ele é que é o comandante em chefe. Nem tentou, pelo menos, lamentar a situação em público. Pelo menos nos enganar. Ficou calado até hoje. O discurso de grupos radicais não funciona. Todos os partidos têm radicais, mas a responsabilidade é do comandante. Porquê não mandou prender quem tentou mandar o Dhlakama? Ou pelo menos dizer que lamenta a tentativa de matar o meu irmão Dhlakama. Ficou caladinho. Até agora está a mandar comandantes para Gorongosa. Ainda acredita que pode capturar ou matar o Dhlakama. É ele o responsável.

Então acredita mesmo que há um plano para o assassinar para ne-

gociar com uma Renamo fragilizada..

Sim, senhor. Eles querem me assassinar.

Alguns sectores defendem que o encontro Nyusi-Dhlakama, o mais rápido possível, pode ajudar a desanuviar este ambiente político em que vivemos. Tem o mesmo entendimento?

Olha, quero chamar a atenção aos intelectuais, académicos, jornalistas e analistas, que acreditam que o encontro Nyusi vs Dhlakama pode resolver tudo. Não resolve. Eu já me encontrei com Chissano várias vezes e até parecíamos amigos. Assinou o acordo comigo. Foi o Chissano que começou com o roubo de votos em 94 e 99, mas eu me encontrava com ele. Como é que as pessoas podem acreditar que um Nyusi, ainda jovem, encontrando-se com Dhlakama está tudo resolvido. Essas pessoas estão erradas. É preciso negociações sérias, com instrumentos próprios para supervisionar os entendimentos. Temos de criar uma Comissão Nacional, não só entre a Frelimo e a Renamo, mas também jornalistas, advogados e outros sectores importantes da sociedade. Temos de acabar com isto. Não se pode ficar eternamente num país em que a Frelimo e a Renamo não consigam se entender.

A sociedade civil também está interessada em fazer parte do diálogo. Está disposto a abrir espaço?

Podemos ver. Mas também temos de falar daquilo que vai acontecer depois do acordo. Tenho certeza que haverá acordo. Mas a minha preocupação é o que vai acontecer depois do acordo. Esse acordo será implementado? Teremos de criar um instrumento, que envolveria a sociedade civil, para supervisionar o acordo, o que faltou em Roma. Isto é importante para a manutenção da paz e democracia em Moçambique.

Atacamos alvos militares

A Renamo assume a autoria dos ataques de viaturas nas estradas do centro, que lhes são atribuídos pelo Governo?

Não se trata de assumir. Estamos numa guerra. A Renamo nunca saiu da base para ir à casa de alguém atacar viaturas. A Renamo tenta reduzir a logística do inimigo. Digo inimigo porque vem nos atacar. Adversário político é outra coisa. Quem vem disparar contra nós é inimigo. A Renamo tem alguns grupos nas emboscadas para atacar carros militares. Não interessa se esses fademos, FIR vêm em viaturas civis, da Nagi, *Maning Nice*, Etrago ou num camião aberto. Estamos a disparar contra o inimigo. Aquilo que a Frelimo anda a dizer é propaganda. A Renamo não ataca viaturas civis. Pelo contrário, a Frelimo é que leva carros civis para servirem de escudo. Atacamos colunas militares.

Depois do acordo qual é o papel que vai assumir. Vai aceitar o estatuto de líder da oposição com direito a protocolo do Estado e montar o seu escritório em Maputo?

Não tem interesse. Com o regime da Frelimo como está não tem interesse. O Estatuto de líder da oposição não deve parecer como se estivessem a calar a boca de alguém. Também é preciso ver como um partido como a Frelimo quer dar um Estatuto de líder da oposição à Renamo se eles não ganham as eleições e nem respeitam regras. Não há Estado de Direito e ins-

tituições credíveis. Com que coração o Dhlakama aceitaria tal fantochada. Seria um escândalo para o meu povo. Não aceito. Poderia aceitar se tivéssemos um Estado de Direito, instituições a funcionar e a Frelimo no poder através de eleições livres e transparentes. Uma fantochada para me enganar e eu calar a boca seria uma traição ao povo.

Como é que interpreta o rapto de Manuel Lole?

Não sei onde é que a Frelimo quer chegar com isso. A Frelimo criou esquadrões treinados por norte-coreanos que andam a sequestrar pessoas. Isto tinha parado, depois da contra-ofensiva que fizemos. Eles levaram porrada e pararam. Agora usam a Polícia. O Lole está agora numa esquadra em Chimoio. Foi a Polícia que o raptou. Já fizeram isso com centenas e centenas de membros da Renamo.

A Renamo sabe onde ele (Lole) está exactamente. Está vivo?

De momento (a entrevista foi às 13h desta terça-feira) está vivo, a não ser que o tenham assassinado à noite. Nós estamos a mexer a procuradoria e alertamos que já sabemos onde está. Eles estão a raptar e a matar nossos membros. Fazem todos os dias. Mas eu nunca vi coisa igual mesmo no regime de Samora Machel, na União Soviética e nem na China, Cuba. Não sei onde é que a Frelimo quer chegar com isso. Em Fevereiro, Março e Abril matavam apenas homens. Agora já matam também mulheres. Na semana passada mataram uma mulher da Liga Feminina da Renamo de nome Anifa, em Caia. Saía do mercado e foi morta de dia.

Há indicações de que o senhor não

goza de boa saúde. Também faz parte da propaganda da Frelimo?

Já me mataram várias vezes. Sou um ser humano. Às vezes apanho malária, uma constipação, neste tempo de frio e depois passa. De que tenho uma doença crónica, nem consigo andar, isso é mentira. É boato. Mesmo quando estava em Nampula, corriam boatos de que Dhlakama estava morto. Eu nunca desejei a morte de um dirigente da Frelimo, enquanto um ser humano. Mesmo depois daquela tentativa de assassinato em Manica, nunca fiquei com rancor da Frelimo. **2019 está a porta. Vai se recandidatar pela sexta vez ou irá abrir espaço para um debate de sucessão no seio da Renamo?**

O partido não é meu. Não é um regulado. Não é um poder tradicional. Enquanto, o partido Renamo continuar a acreditar na capacidade de Dhlakama de dirigir e fazer campanha com carisma e tudo, junto as populações, vou continuar. Mas se o partido disser que o senhor já concorreu várias vezes e foi roubado vai descansar, eu vou descansar, porque já fiz história. O facto de ter lutado e obrigado a Frelimo a aceitar o multipartidarismo é obra. Deveu-se à minha liderança, persistência, determinação e coragem. Afonso Dhlakama já está na história. Um homem brilhante, que está ao lado dos pobres e do povo. Agora concorrer ou não concorrer isso depende do partido Renamo.

A 5ª GERAÇÃO DO SAMURAI AFRICANO

THE ALL NEW L200 Garantia de 3 anos ou 100.000Km

Modelos a partir de: **1.299.000 MT**

Maputo | Beira | Chimoio | Tete | Nampula | Pemba
 Apoio ao cliente: +258 842 926 533 / info.tecnica@jfs.co.mz | www.jfs.co.mz | facebook.com/mitsubishimotorsmocambique

jfs técnica industrial
o ponto de partida

SEJA RESPONSÁVEL. CONDUZA COM SEGURANÇA.